

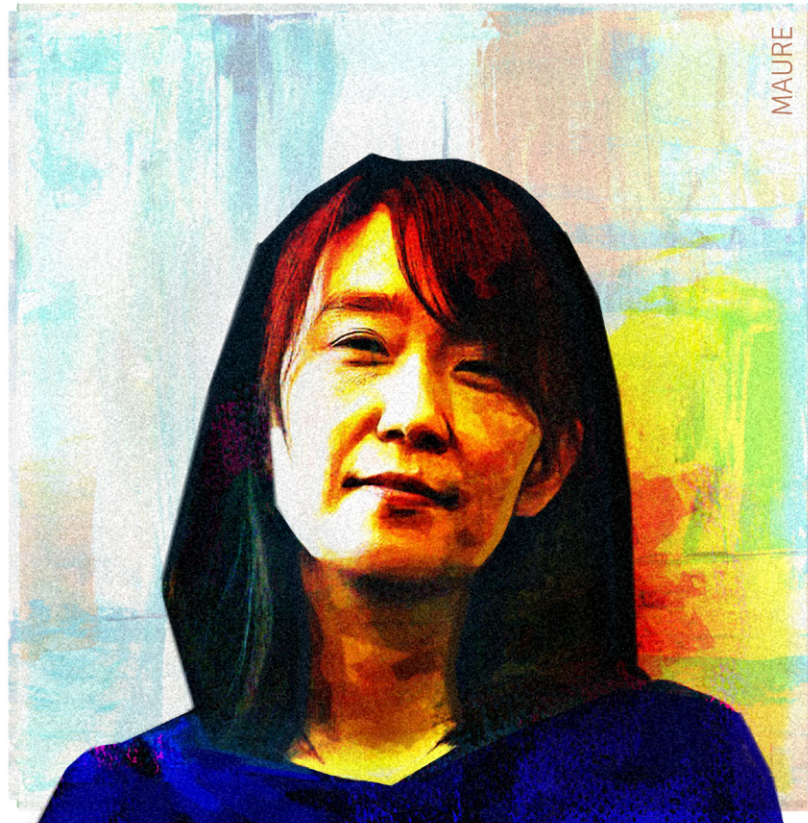


Do anonimato à fama

A era digital transformou a maneira como construímos narrativas pessoais e coletivas, com a internet atuando como uma força propulsora que pode catapultar indivíduos da obscuridade para o estrelato em questão de horas. Dois exemplos recentes, de naturezas completamente distintas, ilustram como os holofotes inesperados podem transformar vidas: a escritora sul-coreana Han Kang, que atingiu o auge da literatura ao ganhar o Prêmio Nobel, e Jeniffer Castro, uma jovem que viralizou após se recusar a ceder seu assento para uma criança em um transporte público.

Han Kang, antes de sua consagração com o Nobel, já era reconhecida no meio literário, mas com um público bastante restrito. Sua obra, marcada pela profundidade psicológica e temas muitas vezes desconfortáveis, como em *A vegetariana*, a tornou respeitada, mas não universalmente conhecida. O Nobel trouxe mudanças drásticas: sua imagem deixou de ser apenas a de uma escritora, passando a representar a literatura sul-coreana contemporânea no palco global. Com isso, Han enfrentou a pressão de corresponder às expectativas de um público ampliado, muitas vezes desinteressado na complexidade de suas mensagens.

A fama súbita tornou sua vida um misto de peso e privilégio. Enquanto seus livros passaram a alcançar milhões de leitores, Han também teve que lidar com a superficialidade inerente ao olhar massificado, muitas vezes resumida a manchetes e análises rasas de sua obra. Ainda assim, ela conseguiu usar o prêmio como um canal para discutir temas sociais e artísticos



relevantes, aproveitando sua visibilidade para promover vozes emergentes e sub representadas.

Em um contraste dramático, Jeniffer Castro tornou-se famosa de um dia para o outro sem nunca ter planejado isso. Sua decisão de não ceder seu assento a uma criança foi filmada, postada e viralizou. O vídeo desencadeou debates acalorados sobre direitos individuais, privilégios e a dinâmica em espaços públicos, polarizando opiniões na internet.

Enquanto muitos aplaudiram sua postura, outros a criticaram duramente, acusando-a de grosseria e falta de empatia. Em poucos dias, Jeniffer ganhou mais de um milhão de seguidores nas redes sociais e viu sua vida ser transformada.

Convites para entrevistas, parcerias comerciais e um novo status de “influenciadora” passaram a fazer parte de sua rotina.

No entanto, essa transição também veio com desafios. A fama digital é volátil e, muitas vezes, cruel. E Jeniffer precisou lidar com ataques pessoais, exposição de sua vida privada e uma pressão constante para se posicionar em outras questões polêmicas. O anonimato, que antes a protegia, foi substituído por uma atenção constante que, embora rendesse frutos financeiros e sociais, também exigia resiliência emocional.

Tanto Han Kang quanto Jeniffer Castro exemplificam os diferentes caminhos que levam à fama:

o esforço de uma vida dedicado a uma arte ou causa, e o fenômeno instantâneo, catalisado pelo poder viral da internet. Em ambos os casos, a notoriedade traz benefícios, mas também complexidades que colocam em xeque a identidade e a capacidade de lidar com a atenção.

Na literatura, Han Kang tem o privilégio de controlar sua narrativa, mesmo que em um cenário global. Sua fama é sustentada por uma base sólida de produção artística e intelectual. Jeniffer, por outro lado, é produto de um momento específico, suscetível à efemeridade dos movimentos de internet. Seu desafio será transformar a saída repentina do anonimato em algo perene, construindo uma narrativa própria que vá além do episódio que a tornou conhecida.

Esses casos também refletem o desejo contemporâneo de protagonismo e a rapidez com que construímos e destruimos ícones. Enquanto Han Kang nos lembra do valor da dedicação e do impacto cultural de uma obra bem construída, Jeniffer Castro nos desafia a repensar a lógica de julgamento e valorização na era digital. Afinal, o que significa ser famoso hoje? Como equilibrar a liberdade de expressão com a responsabilidade na construção de narrativas públicas?

Ambos os exemplos nos mostram que, na sociedade da exposição, a fama não é apenas um prêmio: é um território complexo, onde os holofotes podem tanto iluminar quanto cegar. E, em última instância, talvez o verdadeiro desafio não seja alcançar a fama, mas sobreviver a ela.